



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Aproximando para Aprender: A Educação das Relações Etnicorraciais em foco no trabalho com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
<b>Autor</b>	LUCAS GIACOMONI PESCE
<b>Orientador</b>	TANISE MULLER RAMOS

**RESUMO:** Este trabalho busca discutir sobre métodos e propostas para o trabalho com questões que envolvem o estudo das relações etnicorraciais no espaço dos anos iniciais do Ensino Fundamental da escola. Através de uma análise da forma como esses assuntos estão cada vez mais recorrentes nas discussões das diferentes estruturas que compõem a sociedade e das formas como estes são trazidos ao contato dos estudantes durante sua trajetória escolar, percebe-se a dificuldade da instituição de ensino tradicional em romper com obstáculos que, apesar de já terem sido discutidos por diversos teóricos do campo da educação e das ciências sociais, ainda são presentes na realidade do ensino e continuam influenciando diretamente os sujeitos no processo de assimilação e incorporação dos diferentes signos presentes no cotidiano das relações político-sociais. No que se refere ao campo dos estudos das relações etnicorraciais, as instituições tradicionais de ensino ainda apresentam uma notória ausência de representatividade de grupos que, ao longo do processo histórico brasileiro, sofrem não apenas com a violência da discriminação direta, como também são profundamente afetados pelo que sociólogos, dentre os quais Pierre Bourdieu, conceituaram como ‘violência simbólica’: um conjunto de práticas estruturadas dentro das instituições sociais e que se estendem para o inconsciente de uma população, sendo violenta pois apresenta os indivíduos como mais ou menos aptos ao conhecimento, existindo saberes mais ou menos importantes de serem aprendidos e legitimando aqueles que são próprios para o desenvolvimento do sistema de produção e do que se considera a ordem social. Em um país de realidades históricas de exploração e dominação como o Brasil, principalmente se formos considerar as trajetórias dos povos tradicionais que hoje são marginalizados (como a população negra e os povos indígenas), decorre um processo contínuo de hierarquização dos conhecimentos e de indivíduos. Entende-se, portanto, que essa reprodução que ocorre dentro das estruturas molda as formas como o macrosocial vai entender essas questões e trabalhá-las politicamente. Partindo dessa percepção, e considerando a falta de espaços dentro da escola para essas questões serem compreendidas de uma forma horizontal, que proporcione uma real aproximação dos estudantes com os conhecimentos de matrizes africanas, afro-brasileiras e indígenas ainda marginalizados, em meu trabalho como bolsista de monitoria atuando no apoio pedagógico dos professores nos anos iniciais do Colégio de Aplicação da UFRGS, busco romper com esse distanciamento, proporcionando aos alunos experiências não apenas teóricas de conhecimento dessas culturas e realidades, como também buscando trazer para a instituição esses repertórios de vivências empíricas de contato com indivíduos e situações que permitam aos alunos entenderem a escola não mais como um local de exclusão e afastamento, mas como um espaço de valorização dos saberes presentes em nossa sociedade. Para desenvolver esse projeto, contamos com saídas de campo até espaços que mantêm essa representação cultural tradicional desses povos, ao mesmo tempo em que integrados com o espaço urbano, como o Quilombo do Areal no bairro Menino Deus em Porto Alegre e a escola indígena Mbya Guarani Nhamandu Nhemopuã, localizada na cidade de Viamão, na região de Itapuã. Deslocar os alunos até esses espaços é importante para proporcionar o reconhecimento desses grupos enquanto pertencentes a nossa comunidade, não se limitando a trazer a representatividade para dentro dos muros da escola, pois não é só nela que se produz saberes, e a valorização desses locais busca provocar esse entendimento de ruptura com os conceitos tradicionais do que se considera conhecimento no espaço escolar e na sociedade como um todo. É importante romper com esse afastamento estrutural ainda nos primeiros anos de contato dos indivíduos com a formação de seus conhecimentos, para que esses não sejam orientados pelas mesmas violências e verticalizações que ainda são tão presentes dentro das instituições. Uma vez que o estudante tem conhecimento desses processos de afastamentos históricos que tanto prejudicam o bem-estar desses grupos e o reconhecimento dessas culturas e saberes enquanto formadores de conhecimento e integrantes horizontais de nossa comunidade, essa aproximação terá um papel de formar a noção de cidadania, que deve ser um dos principais objetivos do ensino, e que pode vir a ser um fator importante para se obter cada vez mais avanços nas discussões que envolvem as relações etnicorraciais e a implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, tanto para revolucionar essa realidade de violência simbólica cotidiana que é infligida a esses grupos, como também para reformular, finalmente, o comportamento institucional brasileiro frente às questões de preconceito, exclusão e desigualdade.

Palavras-chave: Educação das Relações Etnicorraciais, Anos Iniciais, cidadania.